

# Formas de Ver: A Imagem Fotográfica como Construção Social e Cultural

Livia Gabriela dos Santos Diniz\*

Adriana Imbriani Marchi Veiga†

## Índice

1	Introdução	2
2	Objetivos	3
3	Revisão Bibliográfica	3
4	Metodologia	6
5	Resultados e Discussão	7
6	Conclusão	10
7	Referências	10

---

\*Acadêmica do Curso de Artes Visuais e Multimídia da UNOPAR – Universidade Norte do Paraná. Endereço: Av. Juscelino Kubitschek, 1429. CEP: 86020-000. Londrina – Paraná. Fone (43) 324-4874; (43) 9122-8260. E-mail: lgdiniz@uol.com.br. Aluna de iniciação científica com o Subprojeto intitulado "Formas de ver: A imagem fotográfica como construção social e cultural", vinculado ao projeto de pesquisa "No Campo da Visualidade: Criação e Manifestação Imagética", sob orientação da Prof. Adriana Imbriani Marchi Veiga.

†Mestre em Ciências Sociais – UEL; Especialista em Fotografia – UEL; Graduada em Artes Visuais/Licenciatura – UEL; Docente do Curso de Artes Visuais e Multimídia – UNOPAR; Responsável pelo projeto de pesquisa: "No Campo da Visualidade: Criação e Manifestação Imagética" – UNOPAR. Endereço: Rua Conrado Sheller, 81 – Pq. Sella. CEP: 86192-430 – Cambé - Paraná. Fone: (43) 3035-3320; (43) 9965-1598. E-mail: adriamarchiveiga@hotmail.com.

## Resumo

O presente estudo é uma análise da imagem fotográfica sob o olhar da antropologia visual, de forma que a mesma não seja entendida apenas como mero documento ou uma referência exata do real nela representado, mas seja concebida e analisada como um instrumento de construção social. Para tal, foram levantados conhecimentos teóricos a partir de autores que abordam a fotografia como uma construção social e que analisam o campo de visualidade das imagens. Com base nesse referencial teórico, buscou-se subsídios para embasar uma reflexão crítica sobre a imagem e o campo de visualidade, foco deste estudo. A partir das reflexões levantadas no campo teórico, buscou-se responder as seguintes questões: Por que, geralmente, a fotografia é concebida como realidade? É possível aceitar-se a hipótese de que o observador é intérprete das imagens que o rodeiam? A imagem fotográfica pode ser entendida como construção social e cultural? Para enriquecer a discussão acerca dessas questões, foram realizadas imagens fotográficas da favela Marízia, situada no município de Londrina – PR, as quais

carregam fragmentos expressivos da realidade sofrida das pessoas que ali sobrevivem com carência de recursos financeiros e de infraestrutura social. As imagens apresentadas foram analisadas e podem ser interpretadas pelos leitores que serão, por elas, instigados à reflexão.

**Palavras-chave:** Antropologia Visual; Fotoetnografia; Fotografia; Visualidade.

## Abstract

This study is an analysis of the photographic image from the viewpoint of the visual anthropology, so that it shall not only be understood as simple document or a accurate reference of the represented reality, but be designed and analyzed as an instrument of social construction. For this purpose, there were collected theoretical information from authors that deal with photography as a social concept and that examine the field of visual images. Based on this theoretical framework, grants were pursued for critical reflection on the image and field of visuality, the focus of this study. From reflections raised from the theoretical field, we tried to answer the following questions: Why, generally, is the picture conceived as reality? Can one accept the hypothesis that the observer is an interpreter of the images that surround him? Can the photographic image be understood as social and cultural construction? To improve the discussion about such issues, there were taken photographic images of the Marisa Slum, located in the city de Londrina - PR, which carry expressive fragments of the suffered reality of people that there survive with the lack of both financial resources and social infrastructure. The presented images were analyzed and can be interpreted by

readers who will be encouraged to reflect by themselves.

**Key-words:** Visual Anthropology; Fotoetnografia; Photography; Visuality.

## 1 Introdução

O presente estudo tem como objetivo discutir duas questões em relação à imagem fotográfica. A primeira delas diz respeito à fotoetnografia como meio de se levar a sociedade a refletir sobre as diferenças sociais que permeiam a realidade contemporânea. A fotoetnografia possibilita a construção de narrativas sociais e culturais por meio de imagens fotográficas contextualizadas que, por si só, contam a sua história, não necessitando de outros recursos auxiliares para sua compreensão.

A segunda questão a ser analisada é a da fotografia e o campo da visualidade: Como a fotografia vem sendo concebida? Ela ainda tem o papel de ser um registro fidedigno da realidade? Percebe-se que pouco se discute a respeito da autenticidade da fotografia, ou o quanto esta é aberta a diferentes formas de interpretação. Entende-se que, desde o momento em que a fotografia é concebida pelo fotógrafo, ela sofre influências, visto que o recorte fotográfico é uma interpretação que o mesmo faz da realidade. O receptor da imagem fotográfica, por sua vez, naturalmente inserido em outro contexto social, faz uma segunda leitura da mesma realidade. Desta forma, discute-se a ambiguidade das imagens por suas múltiplas significações, pois, independente da intenção do fotógrafo ao produzi-las, admite-se que um simples detalhe pode atrair mais atenção do que o todo intencionalmente previsto dentro do campo visível exposto.

A partir de imagens fotográficas realizadas na Vila Marízia, situada no município de Londrina, e com base nos conteúdos teóricos levantados, buscou-se estimular a percepção visual e a capacidade de reflexão dos espectadores em relação ao cotidiano dos moradores da localidade em questão. Buscou-se também, verificar e, a partir das leituras apresentadas, estabelecer a relação entre a fotografia e o campo de visualidade.

## 2 Objetivos

1. Geral: - Refletir sobre a fotoetnografia e sobre o campo da visualidade.
2. Específicos: - Verificar a veracidade da imagem fotográfica, ou seja, se ela ainda mantém seu papel documental de representação do real;
  - - Refletir sobre as diferentes interpretações de uma mesma imagem por parte de espectadores diversos;
  - - Ressaltar que há diversas formas de se ler e interpretar uma mesma imagem;
  - - Mostrar a imagem fotográfica, no campo da antropologia visual, como construção social e cultural, a partir de reflexões sobre um ensaio fotográfico no âmbito social.

## 3 Revisão Bibliográfica

A antropologia visual estuda como se dá, no ser humano, o processo de conhecimento e compreensão da realidade sensível e do cotidiano dos indivíduos em suas atividades

corriqueiras. É por meio desse processo de percepção e compreensão da realidade que são construídos os valores culturais e sociais, ou seja, a partir do momento em que os olhos percebem, o indivíduo faz a sua leitura de uma determinada realidade, evento ou imagem, o que o leva a uma reflexão e, consequentemente, a formulação de conceitos.

A utilização da fotoetnografia, neste trabalho, contribuiu, significativamente, para a construção de novas possibilidades de narrativa visual. A fotoetnografia, assim nomeada por ACHUTTI (1997), é a utilização da imagem como instrumento narrativo etnográfico, ou seja, como um documento que traz consigo dados culturais numa perspectiva etnográfica.

É de extrema importância que a sociedade tenha informações que possam contribuir para o seu desenvolvimento social. Neste sentido, a imagem fotográfica pode ser utilizada como instrumento de interpretação do real e, assim, favorecer o processo de análise de um determinado campo proposto, em relação à verdade apresentada e ao recorte ou fragmento da realidade selecionada, o que estimula o desenvolvimento de uma interpretação crítica e sensível do quadro e do extra-quadro da fotografia.

A imagem fotográfica utilizada nesse estudo busca apresentar a realidade visível, através do olhar crítico do pesquisador. Por meio de recortes diferenciados, pretende-se destacar alguns detalhes, muitas vezes não percebidos ao primeiro olhar. Assim, a utilização do caráter fragmentário da fotografia, de acordo com Humberto,

pode atribuir importância a certas questões que, ao serem retiradas de uma realidade maior e tridimensional,

ganham novos e especiais contornos. Isso não determina, necessariamente, a falsificação de uma verdade ou patrocínio artificioso de uma relevância, mas apenas a descoberta de uma nova essência legítima. (HUMBERTO, 2000, P. 46).

Segundo Bittencourt, as várias disciplinas responsáveis pela criação do conhecimento e da verdade utilizam a fotografia como importante recurso para a comprovação de seus objetivos. Neste sentido, é conhecido o fato de que fotografias e textos escritos sempre foram documentos importantes na construção de estereótipos, ao estabelecer a noção de Outro em relação e em contraposição à de nós. Para Bittencourt:

Na construção da alteridade, fotografias criaram a realidade destes estereótipos, em grande parte devido à noção de objetividade ligada à imagem no pensamento do século XIX. (BITTENCOURT 1994, p. 226).

Para o autor, a subjetividade é um elemento presente tanto no fazer fotográfico quanto na interpretação da imagem:

”a fotografia está embebida em subjetividade no que diz respeito à interpretação das imagens, não podemos negar que a subjetividade está presente também no processo de criação da imagem [...] ao mesmo tempo a fotografia mantém seu compromisso com o real e a evidencia dos fatos. A essência da fotografia consiste no seu compromisso com o real” (BITTENCOURT, 1994, p. 229).

Essa subjetividade presente no processo de criação não compromete as suas atribuições de informar e retratar a realidade. Entretanto, conforme Barthes (1995), embora, na fotografia, a imagem representada não seja ”o real”, é uma analogia do contexto que tentou eternizar, não apresentando, contudo, um significado único, pois seria inexato. Segundo Barthes:

diante de uma fotografia, o sentimento de ”denotação”, ou de plenitude analógica, é tão forte, que a descrição de uma fotografia é, ao pé da letra, impossível; pois que descrever consiste precisamente em acrescentar à mensagem denotada um relais ou uma segunda mensagem, extraída de um código que é a língua [...] (BARTHES, 1990, P. 14)

Outro autor, Boris Kossoy, acredita que a fotografia é um ”duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor” (2001. p. 50). Exatamente por esse caráter de apresentação da realidade fragmentada, a fotografia, neste estudo, contribui, expressivamente, para a pesquisa etnográfica, por mostrar a maneira como vivem as pessoas no seu cotidiano.

Kossoy define a fotografia como ”resíduo do passado”, uma fonte histórica aberta a múltiplas significações, tanto para o historiador da fotografia, como para os demais historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos. ”Assim, uma mesma fotografia pode ser objeto de estudos em áreas específicas das ciências e das artes” (2001. P. 47).

Barthes via a fotografia como unária pois acreditava que por esta ser produzida em uma única tomada, capta o real daquele específico momento e o congela. Para ele, a foto pode mentir quanto ao sentido, mas ja-

mais quanto à existência. O autor acredita num "real no estado passado", como se fosse possível, por mágica, reter o real passado. Segundo o autor,

O referente da foto não é o mesmo que o dos outros sistemas de representação. Chamo de referente fotográfico não a coisa facultativamente real a que me remete uma imagem ou um signo, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria fotografia. A pintura pode simular a realidade sem tê-la visto (imitações). Na foto jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado (BARTHES, 1984, p. 115).

A fotografia tem um caráter de testemunha da história, dos fatos sociais, e, com base nisso, Simonetta Persichetti considera que, ao "fotografar" busca-se a compreensão desses eventos históricos, ou seja, procura-se

[...] transformar a consciência do ser humano através das emoções que as imagens nos provocam [...]. A fotografia pede uma abordagem crítica para que possa ser compreendida, levando à reflexão e a uma possível transformação de percepção. (PERSICHETTI, 1997, p. 11).

A imagem fotográfica, diferentemente de uma imagem pintada (produzida para retratar uma realidade exposta) ou de um texto narrativo (como os jornalísticos), adquiriu a função de retratar a realidade com grande propriedade. Devido às atribuições que lhe

são conferidas, a fotografia consegue trazer, para o tempo presente, fragmentos do passado como representação verídica de uma realidade, de modo que o leitor os aceite sem questionamentos e sem qualquer tipo de explanação ou provas de sua verdade.

Como exemplo da influência da imagem na (re)construção de realidade, Glauce Rocha de Oliveira, em sua tese de mestrado (2002), defende a "imagem como construção" e faz comparações entre fotografias de duas notícias publicadas em jornais renomados, sobre um mesmo acontecimento, porém, de jornalistas / fotógrafos distintos. Observou-se que um mesmo fato pode tomar proporções diversas, devido às diferentes formas de captura da imagem e à maneira como é apresentado.

Assim, o ângulo em que a imagem foi captada e as inúmeras possibilidades que se apresentam ao fotógrafo no momento da captura desta, levam o leitor a fazer uma interpretação influenciada pelo fotógrafo, a qual, nem sempre condiz com a realidade dos fatos ou de uma situação. Glauce traz a questão da condição natural do ser humano de aceitar o que lhe é proposto, acreditando na fotografia como base do real, ao afirmar que:

Nessa crença ou postura de olhos de ler, nós não nos questionamos sobre as bases do que tomamos por real. Pelo contrário, aceitamos o modelo de realidade preexistente a nós, a qual, herdamos no momento de nosso nascimento dentro de nossa cultura e reproduzimos até hoje. (OLIVEIRA, 2002. P. 53, 54).

Observa-se que os diversos olhares para uma mesma direção podem ser distintos quanto às suas percepções. Cada um

dos envolvidos (seja o sujeito de pesquisa, ou o pesquisador, ou ainda o observador-interprete) tem uma percepção que se relaciona à sua realidade subjetiva, entendendo-se que o conhecimento interno é influenciado pelo externo, como bem analisa o antropólogo Gilberto Velho

Assim, seja a interação, a sociedade ou a cultura, a subjetividade - *interno* – é produzida, condicionada, fabricada pelo *externo*. O indivíduo ou o *self*, dependendo da vertente, é essencialmente *social*. Ou como representação ou como conteúdo, o interno só pode ser explicado pelo externo. Dependendo da teoria, a ênfase pode ser colocada na ideologia individualista, no desempenho de papéis, na divisão social do trabalho etc. (VELHO, 2006, p. 21).

Assim, levanta-se a questão da ambiguidade das imagens fotográficas, em relação ao esforço de cada um dos envolvidos em interpretar o campo visível sob seus aspectos críticos. Neste sentido, pode ocorrer que um pequeno detalhe na imagem fotográfica desperte mais atenção do leitor do que, exatamente, a ideia proposta pelo fotógrafo, quando a produziu.

Jean Claude Bernadet, crítico cinematográfico, fez um apontamento, em seu livro "Cineastas e imagens do povo", sobre essa questão de espectadores que aceitam a informação tal como ela é, enquanto outros, valorizam outros aspectos, fugindo do tema central proposto pelo locutor. O autor afirma que:

Há como que temor, por parte da locução, que se estabeleça ente o espectador e as imagens uma relação não prevista. E

a nossa tendência é aceitar essas significações quase que como expressões espontâneas das imagens. Às vezes pode ocorrer que o espectador alcance um relacionamento mais rico com essas imagens, subvertendo o filme, isto é, escapando às significações, especificações, seleções etc., que criam a locução e a montagem. Tal olhar, que os mecanismos de significações do filme rejeitam, ou não destacam, poderá ser valorizados por um espectador, por cima da construção do filme, poderá encontrar outras leituras, ou mesmo entrar no campo ambiguidade da imagem. (BERNARDET, 2003, P. 249).

A fotografia, assim, pode despertar no observador aquilo que ele crê, não sendo, desse modo, referência a uma única verdade preexistente, como ressalta Oliveira (2002). Neste contexto, é necessário que se questione o que se vê em uma imagem e que se reconheça que a interpretação realizada vem sempre carregada da subjetividade, que é fruto do meio sócio-cultural em que se está inserido.

#### 4 Metodologia

Para o desenvolvimento deste estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tendo como base diferentes autores que versam sobre fotografia, fotoetnografia, antropologia social e campo da visualidade, para a construção do referencial teórico. Assim, buscou-se a discussão proposta acerca da fotografia e do campo de visualidade, bem como, a prática fotográfica desenvolvida na pesquisa de campo.

Juntamente com o referencial teórico, são apresentadas algumas imagens fotográficas que foram capturadas na Vila Marízia, localizada no município de Londrina. Para que se retratasse a realidade do cotidiano dos seus moradores, buscou-se fragmentos que evidenciassem a particularidade vivenciada ali, no momento exato das ações, sem qualquer interferência do pesquisador. Desta forma, apresentando o cotidiano real desses moradores, propõem-se desenvolver a percepção visual dos leitores / intérpretes, explorando-se o campo da visualidade e destacando as diversas formas de se ver.

## 5 Resultados e Discussão

Pode-se observar que a imagem fotográfica tem o poder de retratar a realidade e, por este motivo, acaba por convencer o receptor de que ela é legítima e assim, quase nunca é questionada em relação à sua autenticidade. A fotoetnografia, além de propiciar o estudo do homem inserido em sua realidade, busca instigar a percepção visual e reflexão acerca dessa realidade, auxiliando, desse modo, a construção sócio-cultural.

Apesar dos mal-entendidos no que diz respeito às interpretações de imagem e ações, entende-se que jamais será possível linear os conhecimentos culturais e sociais que cada indivíduo apresenta ou utiliza-los com a mesmo desígnio. O pesquisador pode interpretar uma realidade e retirar dali um fragmento que condiz com as suas expectativas, as quais são influenciadas por suas práticas sociais e culturais. Todavia, o receptor também está embebido numa realidade subjetiva, influenciada por seus conhecimentos e limitações, a qual nem sempre está aquém do que lhe é proposto.

Em alguns casos, pode ocorrer que nem mesmo o pesquisador tenha pensado em uma determinada interpretação sugerida por um observador a partir de uma dimensão mais expandida do campo de visualidade. Assim, por estar inserido num determinado contexto, o pesquisador pode não perceber um "detalhe" que é notado pelos observadores, o qual pode sobrepujar-se à ideia inicial, à intenção do autor. A imagem, neste caso, passa a ser considerada a partir de outras leituras, muitas vezes, mais intensas e reflexivas do que aquela proposta pelo fotógrafo.

Entende-se, desta forma, que as imagens não representam exatamente aquilo que se vê, e que seus sentidos e funções dependem, exclusivamente, da interpretação e do olhar do leitor, que, por sua vez, carrega suas práticas culturais e sociais, que são constantemente reconstruídas.

É com base na antropologia, ciência que auxilia o homem a conhecer-se a si mesmo e a sua própria história, que se buscou levantar apontamentos sobre a realidade "fragmentada" da fotografia que, ao ser produzida, já embute o olhar crítico e influenciador do pesquisador, e que, por manter um alto poder de convicção, geralmente, é aceita, pelo espectador, como cópia fiel da realidade, sem que este faça qualquer questionamento sobre a sua autenticidade.

Reconhece-se, assim, a fotografia como um instrumento eficaz para o desenvolvimento da percepção visual e capaz de levar o ser humano a uma reflexão de vida, auxiliando, contudo, na construção social e cultural, pois a imagem fotográfica, por usar veracidade, pode propiciar a transformação da consciência humana devido às reflexões e às emoções que provoca.

É importante ressaltar que é necessário que o pesquisador procure aproximar-se e familiarizar-se com o meio a ser fotografado, principalmente quando os sujeitos da pesquisa são indivíduos que se sentem excluídos, como é o caso do presente estudo. Embora esta não seja uma tarefa simples, o pesquisador precisa incentivar estes sujeitos a agirem de forma natural, pois estão no espaço do seu cotidiano. Entretanto, pode-se questionar: como manter a naturalidade diante de um contexto subjetivamente dramático, frente a uma câmera fotográfica que promete revelar toda a fragilidade latente desses indivíduos?

Este é um exercício de relacionamento que deve ser desenvolvido com bastante sinceridade e respeito pelo fotógrafo-pesquisador, para que este possa conquistar a confiança dos sujeitos objeto do estudo.

Assim, quanto maior for a naturalidade dos sujeitos, mais facilmente as imagens transmitirão a realidade vivida pelos mesmos. Quanto à interpretação das imagens pelo leitor, este deve procurar "sentir" o que cada uma delas buscou, de fato, representar. A seguir, serão apresentados alguns exercícios de percepção que exploram questões simples do olhar, com o objetivo de mostrar que a subjetividade influencia a percepção da fotografia.

O primeiro exemplo é a imagem abaixo, retirada de um cotidiano da Vila Marízia.

Vê-se (figura 01), uma criança, com, mais ou menos, dois anos de idade, ainda chupando chupeta, em meio ao lixo, seu ambiente natural. Os brinquedos que manuseia não foram escolhidos, mas naturalmente adquiridos.

Percebe-se, em toda a parte, muitas peças eletrônicas, metais e outros materiais, até



mesmo cortantes, que, juntamente com os demais lixos expostos, causam proliferação de doenças. Sabe-se que tais "brinquedos" jamais poderiam estar nas mãos de crianças e é por isso que uma imagem como esta traz, naturalmente, um efeito impactante.

Se por um lado essa criança apresenta-se de maneira desprotegida, exposta a riscos de acidentes e a doenças, pode-se, em contrapartida, levantar uma discussão: como essa criança vê a si mesma? Supondo-se que essa criança soubesse falar e soubesse expressar seus sentimentos e, assim, descrever os motivos da escolha deste "brinquedo" ou daquele, o que ela diria? E quando adulta, que sentimento teria diante de sua própria imagem? Claro que, neste sentido, a resposta dependeria, integralmente, das consequências e dos rumos que a sua vida tomou. Se estiver bem sucedida, poderá agradecer a liberdade e a oportunidade de escolha que lhe foi naturalmente apresentada desde criança. Por outro lado, se sua vida estiver em dificuldades, certamente encontrará ali uma brecha para justificar tal fim.

A finalidade da pesquisa não é, obviamente, apoiar situações de risco a que estão expostas muitas crianças, o que viria a ferir o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente:



É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Estatuto da criança e do Adolescente, 1994).

Pode-se porém, entender que uma situação como esta apresentada, na imagem (figura 01), adquire duas grandes conotações: de um lado, evidencia o olhar protetor e crítico da sociedade que, certamente, se pudesse, livraria esta criança desse ambiente; do outro lado, a sensação de liberdade e a sede de conquistar o mundo, coberto de "brinquedos", os quais jamais poderão ser comprados, pela ótica da criança.

Ainda sob esse aspecto comparativo, será analisada, também, a imagem abaixo, retirada da vila Marízia.

Muitos destacariam, nessa imagem (figura 02), o aspecto feio de suas casas e a julgariam pelas madeiras quebradas e pelo chão de barro, ou seja, a avaliariam devido à denotação explícita de pobreza. Sensibilizar-se-iam de forma triste e viriam esse cotidiano como algo indesejável, pois quantos receptores, num primeiro olhar, poderiam desejar

viver alí? Quantos se colocariam naquele meio sem sentir qualquer rejeição ou incômodo? Por outro lado, quem tiver uma consciência de mundo e capacidade de contemplação da realidade mais próxima dessas pessoas, verá que nesse contexto também pode existir uma alegria inexprimível, pois, nas particularidades, existem valores diferentes dos visíveis e alí estão discretamente apresentados.

Pode-se pensar: qual o sentido desse abraço? Seria apenas uma pose para uma foto? O que de fato seria?

Quando se vive em uma situação financeira precária, esses sentimentos de posses materiais e o desejo de manter uma imagem fantasiosa de si e de sua realidade dificilmente existem.

Percebe-se que nesse abraço pode haver valores muito mais intensos do que, por exemplo, entre amigos que vivem em uma situação financeira boa. Em comparação, pode-se imaginar estes dois, em meio a uma festa requintada, com fartura de comida, de bebida, enfim, em uma situação financeira oposta à da imagem. Qual valor teria um abraço nesse meio? Provavelmente, estariam alegres e expressariam sua "alegria" devido às circunstâncias, bem contrário ao sentido proposto pela imagem.

Neste sentido, as pessoas são intérpretes não somente dos elementos estáticos que compõem as imagens, mas também, da vida, de acordo com o conhecimento e as práticas culturais e sociais que adquirem. Assim, por essa imagem (figura 02), pode-se concluir que se vê um abraço entre pessoas que dividem experiências difíceis e que, mutuamente, agarram-se a valores que não são visíveis. Da mesma forma, a imagem fotográfica pode ter um valor que não está

apenas no visível concretamente retratado, mas, principalmente, no que é sugerido e que se revela de acordo com a bagagem sócio-cultural de cada leitor que, a partir das reflexões realizadas, avança, ampliando os seus horizontes e a sua forma de ver.

## 6 Conclusão

Observa-se que uma mesma imagem dá margem a diversas interpretações, o que depende, essencialmente, da vivência, da sensibilidade visual e do conhecimento social que cada um apresenta.

Assim, o olhar para uma imagem fotográfica pode ser comparado a um olhar para vida, porque distintos seres humanos, mediante uma mesma realidade e um mesmo problema, podem reagir de forma absolutamente diferente, ou seja, positiva ou negativamente, pois o que é de extrema importância para uns, pode não ter nenhum significado para outros. Tudo depende da visão de mundo e da concepção de realidade de cada indivíduo.

Todavia, a imagem fotográfica não é um instrumento passivo, pois tem o poder de transformar por meio da reflexão que instiga no observador. Assim, ao mesmo tempo em que a bagagem cultural de cada indivíduo influencia na interpretação da imagem, a imagem convida o observador a refletir, questionar, analisar, fato que propicia o desenvolvimento da construção social e cultural, possibilitando, até mesmo, a diminuição de preconceitos. Assim, a percepção sensível do leitor interfere na construção de narrativas etnográficas que auxiliam a aproximação dos indivíduos em uma sociedade.

## 7 Referências

- ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso: Ensaio crítico III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERNARDET, J.C. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BITTENCOURT, L. A. 1994. **A fotografia como instrumento etnográfico**. Anuário Antropológico/92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- HUMBERTO, L. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- KOSSOY, B. **Fotografia & História**; 2ª ed. rev. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- OLIVEIRA, Glauce Rocha de . **Ver para Crer: A Imagem como Construção**, 2002 (Dissertação de mestrado).
- PERSICHETTI, S. **Imagens da fotografia brasileira I**. 2ª Edição – São Paulo: Senac, 1997.
- VELHO, G. **Subjetividade e Sociedade: Uma experiência de geração**. 4ª edição – Rio de Janeiro: Zahar, 2006.